

O CAMINHO POR ONDE CAMINHAMOS

Carlos Mesters
Francisco Orofino

Resumo

O artigo faz um resumo da caminhada da pastoral bíblica no Brasil nestes últimos 35 anos, mostrando a estreita articulação entre os desafios enfrentados pelo Movimento Popular e as hermenêuticas da Leitura Popular da Bíblia. Os autores apontam os desafios de ontem e de hoje, enfrentados pelos grupos populares, auxiliando na elaboração de uma leitura bíblica que busca fortalecer a efetiva participação das pessoas e das comunidades nas reivindicações dentro da dinâmica da sociedade civil, buscando quebrar os instrumentos de domínio do sistema sócio-político dominante.

Palavras-chave: *Método. Movimento Popular. Leitura Popular da Bíblia. Pastoral bíblica.*

Abstract

This article summarizes the journey of biblical ministry in Brazil over the past 35 years, showing the close coordination between the challenges faced by the Popular Movement and the hermeneutics of popular Bible reading. The authors point out the challenges of yesterday and today, faced by popular groups, in order to elaborate a Bible reading that searches to strengthen the effective participation of people and communities in the claims within the dynamics of civil society, in order to break the instruments of domination of the dominant socio-political system.

Keywords: *Method. Popular movement. Popular Bible reading. Biblical ministry.*

Ao tentar animar os exilados, o profeta Jeremias dá um bom conselho para pessoas que se sentem perdidas, vivendo a dura crise do exílio com as perdas de suas referências: “Levanta marcos para ti, coloca indicadores de caminho, presta atenção ao percurso, ao caminho por onde já caminhaste” (Jr 31,21).

O presente artigo quer tentar exatamente isto. Foi-nos pedido para contar, em poucas palavras, de que maneira a Bíblia “colaborou na transformação social em nosso país”, nestes últimos tempos. Nossa proposta é dar uma rápida olhada ao ca-

minho por onde estamos caminhando desde os anos 70 até hoje para que, na medida em que olhando para trás, sobre a caminhada já feita, consigamos perceber o rumo feito pela Palavra de Deus através dos trabalhos feitos por um grande número de pessoas, grupos, círculos, comunidades, encontros, escolas tentando explicitar, articular, dinamizar e sistematizar uma leitura que já estava sendo feita pelo povo nas comunidades de fé. É a fé do povo que faz acolher a Bíblia como aquilo que ela realmente é: a Palavra de Deus para nós.

Evidentemente esta Palavra de Deus insere-se na nossa história recente, nos momentos que vivemos, trabalhamos, construímos, amamos, estudamos, sofremos, partilhamos, convivemos etc. Foram muitos momentos. Alguns muito intensos, como a transição entre a ditadura militar e a nova Constituição. Outros de profunda frustração quando os governos eleitos enveredaram pelas políticas neoliberais desarticulando o movimento popular. Aos poucos, fomos percebendo que este processo de inserção da Palavra, de contextualização, está sempre em mudança. Tais mudanças pedem uma contínua revisão em nossa maneira de trabalhar com a Palavra. Mas o que descobrimos mesmo em todo este processo é que só pode trabalhar com a Palavra quem se deixa trabalhar pela Palavra. Por isso temos que constatar que nós também mudamos muito! Graças a Deus!

Este artigo, como não podia deixar de ser, traduz nossa caminhada dentro do CEBI (Centro de Estudos Bíblicos). O CEBI foi criado e existe para estar a serviço da Leitura Popular da Bíblia. Nos anos 70, nas conversas com grupos de agentes de pastoral que levaram à criação do CEBI, alguns diziam que “a Bíblia é a gasolina escondida no movimento popular!” O CEBI nasceu para explicitar, articular, dinamizar e sistematizar a leitura que o povo já fazia da Bíblia em pequenos grupos populares, alguns em zona rural, outros nas periferias das cidades que começavam a inchar pelo processo galopante de urbanização na chamada época do “milagre brasileiro” da ditadura militar (1964-1985).

Quando falamos em Leitura Popular, entendíamos a leitura libertadora que se pratica nas comunidades eclesiais de base (CEBs). Este serviço prestado à Leitura Popular é o fator determinante para os métodos que foram sendo sucessivamente adotados. Estes métodos são frutos do confronto constante tanto da leitura Popular com a evolução do movimento popular e da educação popular nestes últimos 30 anos.

Algumas observações a respeito do Movimento Popular

É evidente que nestes 35 anos de caminhada bíblica muita coisa mudou nos movimentos sociais e nas organizações populares. Do seu jeito, a população pobre foi encontrando novas formas de se organizar e de expressar suas buscas, sonhos e desejos. Nos anos 70, a ênfase maior estava nas denúncias e nas manifestações contra a ditadura militar e o custo de vida. Hoje, na luta contra o império neoliberal, existe a tendência em atuar por meio das redes solidárias e as redes sociais via internet. Encontramos hoje uma infinidade de propostas que podem ser locais (cooperativas de catadores de lixo), regionais (movimento em defesa do semiárido), nacionais (lei

da ficha limpa) e internacionais (ONGs ecológicas). Nesta articulação exercem papel importante os novos meios de comunicação e de informação através da internet. Esta ação comunicativa gera e desenvolve novas técnicas e novos saberes no movimento popular. Seu maior objetivo é o “empoderamento” das pessoas e dos grupos. Isso significa que seu maior objetivo é fortalecer a participação efetiva das pessoas dentro da sociedade civil para quebrar o domínio que o sistema financeiro neoliberal, dominando os grandes meios de comunicação (TV, jornais e revistas semanais), consegue impor sua tríade: individualismo, consumismo e privatização dos bens e serviços. Os sucessivos Fóruns Sociais Mundiais tornaram visível este imenso número de pequenos e localizados projetos e lutas, mostrando que os motivos e a mobilização das pessoas dependem muito de sua afinidade e de sua visão localizada dos problemas.

Por isso mesmo, ao contrário dos anos 70 e 80, existem agora novas formas de atuação e de associação dentro do Movimento Popular. Não existe tanto a busca por uma grande associação reunindo massas enormes como nas Diretas Já. Existe hoje uma mobilização pontual, local, a partir de um problema bem concreto que mobiliza tanto as pessoas atingidas como alguns grupos simpatizantes. Geralmente a mobilização é uma resposta a um apelo feito por uma ONG, internacional ou nacional, convidando as pessoas no que se chama de “participação cidadã”.

Tudo isso exige uma revisão de nossos trabalhos bíblicos. Quando o CEBI começou, no final dos anos 70, havia um grande número de movimentos sociais populares articulados na oposição ao regime militar. Nossa leitura bíblica atingia principalmente os movimentos de base articulados pelas igrejas cristãs e inspirados pela Teologia da Libertação. Com a queda do regime militar e a posterior organização da democracia brasileira com a Constituição de 1988, esse quadro, evidentemente, mudou muito. As manifestações de massas pedindo participação política e liberdades democráticas desapareceram. Afinal, estávamos agora num regime democrático e representativo. Não havia mais necessidade de os grupos políticos se refugiarem nas igrejas. O Partido dos Trabalhadores, organizado a partir dos movimentos sociais das igrejas, sindicatos e intelectuais, passou a ser o canal político das reivindicações populares. Desta forma, os movimentos viram muitas de suas plataformas atingirem o texto constitucional. É certo que muita coisa ficou apenas na letra. No entanto, a desmobilização tinha começado. E ela continua até hoje, apesar das ruas serem tomadas de vez em quando, como pelo *impeachment* de Collor ou na luta contra as privatizações tucanas.

Hoje temos que destacar alguns eixos que estão mobilizando as pessoas e recuperando um pouco a visibilidade dos movimentos sociais e populares:

a) A questão da Terra é a que melhor se destaca no cenário nacional. Dos cerca de 20 movimentos sociais rurais do Brasil, o MST é o mais conhecido porque melhor organizado na sua estratégia de comunicação. Mas não podemos esquecer a luta dos índios e dos grupos quilombolas pela regulamentação das suas reservas.

b) O Movimento pela Ética na Política e os grupos de Fé & Política. Esta articulação teve grandes vitórias como a destituição de Collor; os plebiscitos populares, como o contrário à privatização da Vale do Rio Doce e o da auditoria da Dívida Ex-

terna; a Lei da Ficha Limpa e a legislação anticorrupção. Mas também teve a derrota no plebiscito pelo desarmamento.

c) O crescimento dos movimentos indígenas, despertado pelas celebrações envolvendo os 500 anos da chegada dos brancos (1992-2000). Este movimento teve a grande vitória na demarcação da reserva Raposa-Serra do Sol e na recuperação das terras dos pataxós, no sul da Bahia.

d) A luta dos afrodescendentes em tornar seu rosto mais visível na sociedade brasileira, principalmente no campo educacional com a questão vitoriosa das cotas nas universidades e na luta pelas terras quilombolas.

e) A luta das mulheres pela igualdade nos salários e nas oportunidades. Importante vitória deste segmento foi a Lei Maria da Penha, contra a violência doméstica.

f) As grandes mobilizações dos homossexuais, mobilizando milhões de pessoas nas Paradas de Orgulho Gay, permitindo sua vitória no reconhecimento da união de pessoas do mesmo sexo.

g) As várias frentes ecológicas. Hoje, cada vez mais, a luta popular se firma no campo ecológico, desde a ECO-92. A resistência aos megaprojetos, às grandes barragens, ao agronegócio mobilizam e articulam muitos grupos de resistência tendo em vista a Rio+20 em junho de 2012.

h) Os novos avanços da ciência que modificam a visão e a atitude das pessoas, especialmente a juventude: a informática, a biotecnologia, a física quântica, a nanotecnologia, etc.

i) Mas apesar de todos os avanços tecnológicos, políticos, sociais e econômicos, que nos colocam entre as oito economias mais poderosas do planeta, ainda somos um país tremendamente desigual. Muitos grupos ainda continuam com a pauta de lutas dos anos 70/80: trabalho, saúde, transporte, educação, moradia e alimentação.

Estes são os novos desafios que nos levam a perguntar qual o papel dos novos sujeitos históricos, aquele conjunto que se esconde na palavra “povo”, eixo estruturante do movimento popular. A pergunta que fica é esta: Qual a nossa proposta para uma leitura bíblica que possa atender a estes novos desafios?

Na realidade, a leitura bíblica teve e está tendo a sua influência discreta na evolução destes novos aspectos e desafios do movimento popular através das pessoas das CEBs que nele participam. Ao mesmo tempo, a própria leitura bíblica popular está sendo influenciada por estes mesmos aspectos do movimento popular. É uma influência mútua e um enriquecimento mútuo.

Seguem aqui algumas observações a respeito das características da Leitura Popular da Bíblia que ajudam a perceber como aconteceram e continuam acontecendo a influência mútua e o enriquecimento mútuo entre leitura da Bíblia e movimento popular.

Algumas observações sobre a leitura Popular da Bíblia

Ao longo destes últimos anos, recolhendo as experiências de muitos grupos de vivência aqui no Brasil, podemos destacar 10 pontos a respeito da Leitura Popular da Bíblia.

1. Três premissas que modelaram o jeito de o povo ler a Bíblia

a) A Bíblia é acolhida pelo povo como Palavra de Deus. Esta fé já existia antes de nós chegarmos até ele com nossos métodos. É nela que penduramos todo o nosso trabalho com a Bíblia. Sem esta fé tanto o método quanto os resultados seriam diferentes. Este é o ponto fundamental que faz com que nossa leitura bíblica aqui no Brasil impede qualquer tentativa de transpor esta metodologia para países da Europa. Lá a Bíblia é um livro oficial e eclesiástico.

b) As primeiras experiências de círculos bíblicos já encontraram uma pastoral construída a partir do método Ver-Julgar-Agir, usado pela Juventude Operária Católica (JOC) e pela Juventude Universitária Católica (JUC). Este método mudou a visão que tínhamos da revelação de Deus. Procura-se, primeiro, ver a situação do povo. Em seguida, com a ajuda do texto bíblico, procura-se julgar ou iluminar a situação, anunciando a presença de Deus ou denunciando a ausência de Deus nas situações humanas do grupo que faz sua interpretação. Assim, a fala ou a revelação de Deus não vem da Bíblia, mas dos fatos iluminados pela leitura bíblica. E são estes que levam o grupo a agir de maneira nova.

c) O povo faz a descoberta de que a Palavra de Deus não está só na Bíblia, mas também na vida. Com a ajuda da Bíblia, descobre onde e como Deus nos fala hoje, através dos fatos. Para muitos, a Bíblia chega a ser o primeiro instrumento para uma análise mais crítica da realidade que vivemos hoje. Esta visão mais ampla da Palavra de Deus contribui para evitar a visão mágica da Bíblia que favorece a leitura fundamentalista.

2. Fiel à Tradição

Ao ler a Bíblia, o povo das Comunidades traz consigo a sua própria história e tem nos olhos os problemas que vem da realidade dura da sua vida. A Bíblia aparece como um espelho, *sím-bolo* (Hb 9,9; 11,19), daquilo que ele mesmo vive hoje. Estabelece-se, assim, uma ligação profunda entre Bíblia e vida que, às vezes, pode dar a impressão aparente de um concordismo superficial. Na realidade, é uma leitura de fé muito semelhante à leitura que faziam as comunidades dos primeiros cristãos (At 1,16-20; 2,29-35; 4,24-31) e os Santos Padres nos primeiros séculos das igrejas.

3. Emanuel, Deus Conosco

A partir desta nova ligação entre Bíblia e vida, os pobres fazem a descoberta, *a maior de todas*: “Se Deus esteve com aquele povo no passado, então Ele está

também conosco nesta luta que fazemos para nos libertar. Ele escuta também o nosso clamor” (cf. Ex 2,24; 3,7). Assim vai nascendo, imperceptivelmente, uma nova experiência de Deus e da vida que se torna o critério mais determinante da leitura popular e que menos aparece nas suas explicitações e interpretações. Pois o olhar não se enxerga a si mesmo.

4. Livro da Vida de cada dia

Antes de o povo ter esse contato mais vivido com a Palavra de Deus, para muitos, sobretudo na Igreja Católica, a Bíblia ficava longe. Era o livro dos “padres”, do clero. Mas agora ela chegou perto! O que era misterioso e inacessível começou a fazer parte da vida quotidiana dos pobres. E junto com a sua Palavra, o próprio Deus chegou perto! “Vocês que antes estavam longe foram trazidos para perto!” (Ef 2,13). Difícil para um de nós avaliarmos a experiência de novidade e de gratuidade que tudo isto representa para os pobres.

5. Escrita para nós

Assim, aos poucos, foi surgindo uma nova maneira de se olhar a Bíblia e a sua interpretação. A Bíblia já não é vista como um livro estranho que pertence ao clero, mas como *nosso* livro, “escrito para nós que tocamos o fim dos tempos” (1Cor 10,11). Às vezes, para alguns, ela chega a ser o primeiro instrumento para uma análise mais crítica da realidade que hoje vivemos. A respeito de uma empresa opressora do povo, o pessoal da comunidade dizia: “É o Golias que temos que enfrentar!”

6. Revela Deus na vida

Está em andamento uma descoberta progressiva de que a Palavra de Deus não está só na Bíblia, mas também na vida, e de que o objetivo principal da leitura da Bíblia não é interpretar a Bíblia, mas sim interpretar a vida com a ajuda da Bíblia. Descobre-se que Deus fala hoje, através dos fatos. Isto gera um entusiasmo muito grande. Não é tanto por causa das coisas novas que eles descobrem na Bíblia, mas muito mais por causa da confirmação que recebem de que a caminhada que estão fazendo é uma caminhada bíblica e, assim, neles se renova a esperança. A Bíblia ajuda a descobrir que a Palavra de Deus, antes de ser lida na Bíblia, já existia na vida. “Na verdade, o Senhor está neste lugar, e eu não o sabia” (Gn 28,16)!

7. Boa Notícia para os pobres

A Bíblia entra por uma outra porta na vida do povo: não pela porta da imposição autoritária, mas sim pela porta da experiência pessoal e comunitária. Ela se faz

presente não como um livro que impõe uma doutrina de cima para baixo, mas como uma Boa-Nova que revela a presença libertadora de Deus na vida e na luta do povo. Os que participam dos grupos bíblicos, eles mesmos se encarregam de divulgar esta *Boa Notícia* e atraem outras pessoas para participar. “Venham ver um homem que me contou toda a minha vida” (Jo 4,29)! Por isso, ninguém sabe quantos grupos bíblicos existem. Só Deus mesmo!

8. Orienta para o estudo da Bíblia

Lendo assim a Bíblia, produz-se uma iluminação mútua entre Bíblia e vida. O sentido e o alcance da Bíblia aparecem e se enriquecem à luz do que se vive e sofre na vida, e vice-versa. Para que se produza esta ligação profunda entre Bíblia e vida é importante: a) Ter nos olhos as perguntas reais que vêm da vida e da realidade sofrida de hoje. Aqui aparece a importância de o estudioso da Bíblia ter convivência e experiência pastoral inserida no meio do povo. b) Descobrir que se pisa o mesmo chão, ontem e hoje. Aqui aparece a importância do uso da ciência e do bom-senso tanto na análise crítica da realidade de hoje como no estudo do texto e seu contexto social. c) Ter uma visão global da Bíblia que envolva os próprios leitores e leitoras e que esteja ligada com a situação concreta das suas vidas.

9. Leitura envolvente

A interpretação que o povo faz da Bíblia é uma atividade envolvente que compreende não só a contribuição intelectual do exegeta, mas também e, sobretudo, todo o processo de participação da Comunidade: trabalho e estudo de grupo, leitura pessoal e comunitária, teatro, celebrações, orações, recreios, “enfim, tudo que é verdadeiro, nobre, justo, puro, amável, honroso, virtuoso ou que de qualquer maneira merece louvor” (Fl 4,8). Aqui aparecem a riqueza da criatividade popular e a amplidão das intuições que vão nascendo.

10. Ambiente comunitário de fé

Para uma boa interpretação, é muito importante o ambiente de fé e de fraternidade, através de cantos, orações e celebrações. Sem este *contexto* do Espírito, não se chega a descobrir o sentido que o *texto* tem para nós hoje. Pois o *sentido* da Bíblia não é só uma ideia ou uma mensagem que se capta com a razão e se objetiva através de raciocínios; é também um *sentir*, uma consolação, um conforto que é *sentido* com o coração, “para que, pela perseverança e pela consolação que nos proporcionam as Escrituras, tenhamos esperança” (Rm 15,4).

Conclusão

Os tempos mudaram. Talvez tenham mudado de uma maneira que não gostaríamos ou mesmo de uma maneira em que ficamos profundamente decepcionados.

Nossa constatação é que devemos aprender algo com as reflexões presentes no Apocalipse de João.

O livro do Apocalipse narra (Ap 13,1-18) que o dragão ataca duas bestas para destruir a comunidade dos santos. A primeira besta sai do mar. É violenta e assassina. É perfeitamente identificável, já que domina sobre tudo e sobre todos, tendo em suas mãos a vida das pessoas. Esta besta é o imperador de Roma. Nos anos 70 e 80 nós enfrentamos uma besta deste tipo e sabíamos muito bem o seu nome: era o Estado de Segurança Nacional. Muitos tombaram neste enfrentamento e são muitos os mártires da caminhada, “destinados à prisão e que morreram pela espada” (Ap 13,10). Nossos métodos de leitura bíblica foram forjados nesta luta contra esta besta.

Mas depois a coisa mudou muito e veio a segunda besta. Diferente da primeira, ela não vem do mar, símbolo do abismo, mas surge da terra, de dentro dos grupos e comunidades. Ela se parece um cordeiro, mas quando fala é o próprio dragão. Opera grandes milagres que deixa todos maravilhados e enfeitiçados. Seduz a humanidade com imagens e prodígios, trazendo uma marca que permite a todos, grandes e pequenos, escravos e livres, ricos e pobres, a comprar e vender para seu consumo (Ap 13,16). Esta segunda besta se chama hoje Neoliberalismo, com sua presença nas comunidades, com suas marcas consumistas, fazendo com que todos mergulhem maravilhados nas técnicas eletrônicas e nas mais deslavadas corrupções. Esta segunda besta é mais difícil de combater do que a primeira, porque se confunde com uma ideologia e não tem um rosto perceptível. É muita gente boa embarca em suas propostas.

Nossa leitura bíblica soube encontrar métodos para enfrentar a primeira besta. Será que estamos sabendo enfrentar a segunda besta?